

PESQUISAR DISCENTE: A UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS EM MEIO À VIDA

TAINÁ MOLINA SCHNORR¹; LISANDRA BERNI OSORIO²; CARLA GONÇALVES RODRIGUES³

¹*Universidade Federal de Pelotas – tainaschnorr@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – lisandra.osorio@ufpel.edu.br*

³*Universidade Federal de Pelotas – cgrm@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

Conforme o Censo de 2005, a educação superior no Brasil encontrava-se em descompasso com demandas da sociedade brasileira, fato que desencadeou políticas públicas de expansão e desenvolvimento (SANTIN; CUNHA, 2012), tais como o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) e o Sistema de Seleção Unificada (SISU). Dessa forma, a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), na qual configura-se o *lôcus* do presente estudo, foi uma das primeiras universidades a implementá-los em 2008. Somando-se às mudanças no ingresso ao ensino superior, também é perceptível a Lei de Cotas (BRASIL, 2012), a qual contempla políticas afirmativas que favorecem a inserção de alunos em tal educandário.

Ao aumento da população acadêmica, interpelam-se não apenas diversidades demográficas e socioculturais, mas circunscreve-se um estudante capturado por transformações contemporâneas no mundo e na educação, em que novos modos de subjetivação são emergentes. Vê-se, de modo empírico, um estudante que, vindo ou não de outro Estado, necessita afirmar sua existência no meio acadêmico, por meio de movimentos estudantis, de imersão em coletividades que lhe confirmam voz aos seus anseios ou aquilo que entende como uma rede de apoio e direitos.

Novas maneiras de ingresso nas universidades brasileiras, como o Exame Nacional de Ensino Médio (Enem), desencadearam o recrudescimento demográfico e de diversidade sociocultural dos universitários. Nesse contexto, constatou-se que, no período de 2012/2 a 2013/2, houve um aumento de 82% no índice de não aproveitamento acadêmico dos estudantes de graduação da UFPel, bolsistas da assistência estudantil (Alimentação, Transporte, Pré-Escolar, Instrumental Odontológico, Moradia e Moradia Estudantil). Seja por dificuldades de aprendizagem ou por sofrimento psíquico, não alcançaram o mínimo de 70% adotado como critério de permanência para o recebimento nas bolsas, condição entendida como indispensável para a continuidade dos estudos.

Coexistindo com isso, o serviço de Psicologia da Universidade também passou a apresentar um significativo crescimento em termos de alunos que vêm procurando atendimento e/ou sendo encaminhados, pela própria Coordenadoria de Integração Estudantil da Instituição ou por professores/colegiados dos cursos de graduação da UFPel. Assim, foi criado um Núcleo de Apoio ao Discente (NUPADI) para desenvolver atividades de cunho interdisciplinar com os alunos que, por motivos psicossociais ou de aprendizagem, vinham apresentando dificuldade em atingir o percentual esperado de 70% para permanência no recebimento dos auxílios, não sendo, portanto, excluídos dos programas.

O índice de não aproveitamento entre os bolsistas da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, em um universo de aproximadamente 3000 discentes, delineou-se 17% (500 alunos) em 2012/2; 23% (700 alunos) em 2013/1; e passou

para 31% (929 alunos) em 2013/2, o que seria o mesmo que dizer que houve um aumento de 82% no indicador de alunos que não atingiram 70% nas disciplinas cursadas nos referidos semestres.

Face o acima exposto, este trabalho trata de um estudo quantitativo que objetiva investigar o perfil dos estudantes da UFPel possuidores de algum auxílio, que obtiveram menos de 70% de aproveitamento nas disciplinas cursadas no semestre de 2013/1. A impulsão deste pesquisar deu-se a partir de um interesse na obtenção de um perfil desse acadêmico bolsista, possuidor de um baixo aproveitamento estudantil.

2. METODOLOGIA

Com a intenção de investigar o campo problemático e justificar a relevância do presente projeto, realizou-se uma pesquisa de cunho quantitativo. Para tal, desenvolveu-se análise documental, no que tange ao acervo de pastas com dados e documentos dos alunos bolsistas da PRAE. Constitui-se na elaboração de uma ficha orientadora de dados, contemplando características sociodemográficas (idade, naturalidade), do contexto familiar (perdas, separação de pais) e situação acadêmica (histórico de notas e outros ligados à Instituição), que pudessem ser encontradas no referido acervo. O estudo de corte transversal ocupou-se em percorrer as pastas (arquivos da PRAE) dos bolsistas que não obtiveram aproveitamento de 70% em 2013/1. Nesse período, dos 700 discentes naquela condição, investigaram-se 557 pelo tempo hábil para a continuidade da pesquisa. Os dados foram trabalhados por meio dos softwares EPI INFO e SPSS, utilizando-se dos testes estatísticos ANOVA e Teste-t, para realizar a análise das variáveis em exposição, associando-as ao aproveitamento acadêmico.

Paralelamente, realizou-se a coleta de artigos científicos que fizessem referência ao tema, para confrontar os dados obtidos a partir da análise documental. De modo a complementar o aporte teórico, evidencia-se a procura, nos anais da Anped (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) e nas bases de dados Google Acadêmico, Bireme, SciELO e PubMed. As palavras-chave utilizadas foram: “sofrimento psíquico dos alunos”, “sofrimento psíquico acadêmico”, “sofrimento psíquico discente”, “universidade e universitários”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das 557 pastas analisadas no semestre de 2013/1, 335 acadêmicos eram do sexo feminino e 222 do sexo masculino, a maior parte entre 20-23 anos (39,7%), assim, embora as menores médias tenham sido encontradas nos discentes que estavam entre 30 e 57 anos. Quanto à naturalidade, os alunos apresentaram médias do aproveitamento de 2013/1 significativamente diferentes entre as categorias, configurando as menores médias, entre os estudantes que são naturais de outros países. Contudo, a segunda menor média, e o número mais expressivo de alunos, são os oriundos da cidade sede da Universidade, o que refutaria a hipótese de que dificuldades insurgem com mais frequência entre aqueles que são de outros lugares, exigindo um suposto maior esforço de adaptação ao novo território.

Corroborando com outros estudos (RODRIGUES, *et al.*, 2014; XAVIER, 2008; NONTICURI, *et al.*, 2014) observa-se um determinado descompasso entre relações interpessoais e um conjunto de sintomas que podem estar levando o aluno ao sofrimento psíquico. Desse modo, apesar de o estudante não se

perceber em condições satisfatórias de saúde, apresentar queixas de problemas de relacionamento e baixa autoestima, com predominância do cansaço e esgotamento, há, no domínio social, uma elevação considerável de alunos que conseguem manter uma boa rede de relações. Poder-se-ia pensar que, independentemente de onde se reside, a Universidade traz à tona a necessidade de sociabilidade.

A maioria (359 alunos dos 557) moram sozinhos, porém possuem menor média aqueles que moram com a família. Estes achados não encontram ressonância em outros estudos, uma vez que os mesmos demonstram que morar com os pais favoreceria a saúde mental (NEVES, *et al.*, 2007). Cerchiari *et al.* (2005) consideram que os estudantes moradores em repúblicas apresentam maior nível de estresse psíquico e os que residem em pensionatos possuem escore maior para distúrbios do sono. Sabe-se, empiricamente, que a divisão de espaço físico com outras pessoas gera uma série de possíveis conflitos que o conviver implica, assim como morar sozinho desemboca em outras situações provedoras de estresse.

Vê-se que, em outras pesquisas (RODRIGUES, *et al.*, 2014; CERCHIARI, *et al.*, 2005), encontra-se o sofrimento psíquico em universitários, configurados pela presença da depressão, ansiedade, estresse emocional ligado à falta de confiança na capacidade de desempenho ou autoeficácia, desencadeamento de distúrbios psicossomáticos, em tal intensidade que pode acabar produzindo o adoecimento. Isto, somando-se às complicações na concentração e adaptação, à carga excessiva de alguns cursos, à natureza subjetiva que coloca os alunos em contato com questões como morte e doença, assim como dúvidas sobre sua sexualidade, impasses nos relacionamentos afetivos e em sua nova vida (SILVA *et al.*, 2011), recrudescem o mal-estar discente em sua formação.

Quanto à natureza do curso acadêmico, embora a média do aproveitamento seja menor na área de Humanas - o que concorda com Cherchiari e colaboradores (2005) em que a ocorrência de sofrimento psíquico tende a ser maior em cursos cujo objeto de estudo delineia maior subjetividade, o número de estudantes na área de exatas foi mais significativo, bem como obteve menor aproveitamento em semestre anterior (2012/2). Desse modo, o aluno “enfrenta situações de sofrimento que podem contribuir para o desencadeamento do processo de estresse” (SILVA, *et al.*, 2011, p. 122), quando estas, por exemplo, são decorrentes de estágio prático, dificuldades nos relacionamentos e desgaste ligado ao contato com aspectos da condição subjetiva da formação.

Nesta esteira, engendram-se as disciplinas, em que há prevalência de pior nota daquelas que correspondem a cursos de áreas exatas: Cálculo (14,7%), Geometria Analítica (9%), Física Básica (2,2%). Estas, analisadas em consonância com as que incidiram sobre as disciplinas em que os alunos se tornaram mais infrequentes, denotariam, no mínimo, uma inquietação sobre as relações dos estudantes com áreas do conhecimento que assumem uma natureza lógica e abstrata.

No que tange ao período em que o aluno se encontra no curso, pode-se perceber que há um número expressivo de alunos que se encontram nos primeiros semestres (319 alunos), reforçando a importância da adaptação ao novo modo de vida que a Universidade encerra, podendo surgir vulnerabilidade emocional pelo esforço devido a esta situação, além de poder mobilizar disposições psíquicas preexistentes “pela sobrecarga dos alunos que conseguiram ingressar na universidade sem base” (CERCHIARI, *et al.*, 2005, p. 418).

4. CONCLUSÕES

O perfil dos acadêmicos com baixo índice de aproveitamento traçado pela pesquisa mostra estudantes que moram sozinhos, em sua maioria das Ciências exatas (tendo como disciplinas de maior índice de reprovação: Cálculo, Álgebra Linear e Geometria Analítica e Física Básica) e com alto índice de infrequência. Alguns achados da análise documental apresentaram consonância frente outros estudos sobre o assunto, como, por exemplo, o processo de adaptação à vida acadêmica, gerando altos índices de reprovação nos três primeiros trimestres. Da mesma forma, as menores médias estão entre os estudantes das áreas humanas, pois a maior subjetividade do curso levaria a um possível sofrimento psíquico. Outros achados, porém, não encontraram respaldo nas pesquisas, como a menor média estar entre os estudantes que moram com os pais, refutando a teoria de que quem viver com os pais favorece a saúde mental.

Esses resultados fazem pensar nas possíveis problemáticas que atravessam a qualidade da formação acadêmica, bem como os motivos para esse aumento nos índices de reprovação. Dessa forma, o que se compreende, por esse contexto estudantil, é que ele está constantemente se compondo, demonstrando relações que podem ir se estabelecendo entre o aluno e seu entorno, quer seja corpo docente, colegas, Instituição, o próprio saber, o social, o si, e tantos outros contornos. A Universidade desdobra um palco de interações, desvela um universo de busca pelo conhecimento, mas, principalmente, figura-se testemunha de alegrias e insatisfações, enquanto um lugar de vida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm>. Acesso em: 18 julho 2015.

CHERCHIARI, E. A. N.; CAETANO, D.; FACCENDA, O. Prevalência de transtornos menores em estudantes universitários. **Estudos de Psicologia**, v. 10, n. 3, p. 413-420, set/dez 2005.

NEVES, M. C. C.; DALGALARRONDO, P. Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 56, n. 4, Rio de Janeiro, 2007.

RODRIGUES, C. G.; SCHNORR, T. M.; OSORIO, L. B. Investigação do Sofrimento Psíquico. Resumo Anais **CIC/UFPel** 2014. Disponível em: http://cti.ufpel.edu.br/cic/arquivos/2014/CH_00698.pdf. Acessado em: nov. 2014.

SANTIN, A. C. A. ; CUNHA, P. R. C. da. Políticas públicas de educação no ensino superior: a implementação do programa Reuni e do Sisu na universidade federal de pelotas. Enpos/UFPel 2012. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/enpos/2012/anais/pdf/CH/CH_00653.pdf>. Acessado em jun. 2014.

SILVA, V. L. dos S.; CHIQUITO, N. do C.; ANDRADE, R. A. P. de O.; BRITO, M. de F. P.; CAMELO, S. H. H. Fatores de estresse no último ano do curso de graduação em enfermagem: percepção dos estudantes. **Revista de Enfermagem (UERJ)**, v. 19, n. 1, p. 121-6, 2011.

XAVIER, A.; NUNES, A. I. B. L.; SANTOS, M. S. Subjetividade e sofrimento psíquico na formação do sujeito na universidade. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, v. 8, n. 2, p. 427-51, jun.2008